

## **A FUNÇÃO MATERNA E SEU EXERCÍCIO COM FILHOS ADOLESCENTES**

Poliana Emerich  
Rute Grossi Milani

### **Introdução**

O que é ser mãe? Ao ouvir essa frase, ela nos remete a tantas definições. Entre os autores da psicologia, como Winnicott (2000), é unanimidade a importância dessa relação mãe-bebê para o desenvolvimento psíquico da criança e também muito se fala a respeito do significado e do valor afetivo da experiência da maternidade. No entanto, ao contrário do que se acredita, a função materna não acontece simplesmente como em um passe de mágica. Existe uma série de fatores que contribuem para que a mulher possa exercer essa função, como sua própria história de vida, sua relação com o trabalho e seus desejos (Moraes, 2001; Kehl, 2001). Dentro da história de vida, as questões do narcisismo e dos modelos identificatórios também influenciarão no exercício dessa função (Freud 1914/2010; Ferrari & Piccinini, 2010; Szejer & Stewart, 1997).

De um lado, encontramos a capacidade reprodutiva da mulher e do outro, a maternidade; uma não é sinônimo da outra. A capacidade reprodutiva está ligada a um potencial biológico natural de procriar e quando desejado um filho, isso se faz uma condição necessária para que tal processo aconteça. A confusão entre essas duas palavras acontece devido à visão tradicional que coloca a maternidade como algo inerente à mulher (Del Priore, 2000). Quanto à maternidade, Arrias (2005) afirma que ela não deve ser compreendida como um fenômeno natural e biológico, mas sim social e cultural. Ou seja, ela não é inerente e natural à mulher, mas sim produto de um determinado tempo e espaço em que a mulher vai construindo e desenvolvendo na relação com seu filho.

A ideia presente na frase de Simone de Beauvoir (1980, p. 9), “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, pode ser transposta para o âmbito da maternidade: não se nasce mãe, torna-se mãe de acordo com suas experiências. Desta forma, não existe uma única forma de vivenciar essa função materna, é uma função em construção!

Quando a mulher se torna mãe, ela ainda não sabe essa função, logo ela precisa aprender. E nesse aprendizado, erros e acertos são feitos, sendo que os pais não são os

mesmos para todos os filhos, pois cada filho necessita dos pais de uma forma diferente e também com a experiência algumas atitudes em relação aos filhos são mantidas ou deixadas pelos pais. Bion (1966) nos fala que essas mudanças têm a ver com o “aprender com a experiência”: assim a capacidade de se deixar transformar e aprender através das vivências oferecidas pela maternidade permite à mulher um crescimento pessoal e também auxilia na relação que se estabelece com os filhos.

Portanto, esse tornar-se mãe é um processo de profundo amadurecimento da mulher que tem início na infância na relação com os seus cuidadores e depois nas trocas com o cônjuge e o filho, sendo que esse aprendizado demanda dela muita energia por ser uma tarefa exaustiva e complexa do ponto de vista psicológico, carregada de angústias, conflitos e transformações que convivem lado a lado com as alegrias e gratificações pela maternidade (Borges, 2005). De Felice (2006) afirma que a experiência da maternidade pode, em alguns casos, apresentar-se como possibilidade de resolução de antigos conflitos.

Quando os filhos chegam à adolescência, o exercício dessa função torna-se mais árdua, pois como Aberastury e Knobel (1891) e Outeiral (2008) colocam a adolescência constitui-se numa fase confusa, contraditória com a emergência de sentimentos ambivalentes, conseqüentemente, isso repercute na dinâmica do funcionamento da família.

### **Objetivos**

Neste contexto, o presente estudo teve como objetivo ouvir as experiências das mães no exercício da função materna, como elas compreendem essa função e como ela se dá quando os filhos chegam à adolescência. Num segundo momento, analisou-se o discurso da vivência da função materna.

### **Método**

#### *Participantes*

Nesta pesquisa foram entrevistadas três mães, com idade entre trinta e quarenta anos, sendo duas casadas a mais de 10 anos e uma separada há quase 10 anos, residindo no município de Maringá – Paraná. Todas atendiam aos critérios estabelecidos pela pesquisa, os

quais eram a participação em um grupo de pais e ter filhos entre 10 e 18 anos. Quanto à escolaridade, duas terminaram o segundo grau e uma interrompeu os estudos no 1º ano do segundo grau. Todas tiveram os primeiros filhos quando tinham entre 16 e 20 anos de idade.

#### *Instrumento*

Para a coleta dos dados foi utilizado um roteiro de perguntas semiestruturado, previamente elaborado pela pesquisadora, que foi aplicado através de entrevista, sendo que a mesma foi gravada com o consentimento das participantes.

Os aspectos abordados nas entrevistas foram: a compreensão das mães sobre função materna; sua relação com seus progenitores; relato quanto à gestação e às mudanças provocadas com o nascimento do filho; a relação dela entre a função materna e o trabalho; as diferenças que ela enxerga na educação do filho enquanto criança e enquanto adolescente e; o processo de tornar-se mãe.

#### *Procedimento de coleta e análise dos dados*

Esta pesquisa foi avaliada e considerada ética e metodologicamente adequada pelo Comitê de Ética do Centro Universitário de Maringá. Depois da aprovação pelo comitê, a pesquisadora entrou em contato com três mães que participam do grupo de pais coordenado pela pesquisadora na cidade de Maringá e que atendiam os critérios, a fim de apresentar os objetivos e os procedimentos adotados na pesquisa, com compromisso de sigilo em relação aos dados individuais obtidos e com a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento da pesquisa.

Mediante a aceitação em participar do trabalho, as entrevistas com as mães foram agendadas e realizadas nos dias pré-estabelecidos, sendo que a pesquisadora se dirigiu até a residência dessas mães, no entanto as entrevistas foram realizadas em um ambiente reservado, de modo a garantir o sigilo das informações. Além disso, as mães assinaram o Termo de Consentimento durante as entrevistas.

A análise de conteúdo (Bardin, 1977) foi o critério utilizado na pesquisa para a sistematização, análise e discussão dos dados obtidos, pois ela permite descobrir o que está

por trás de cada conteúdo manifesto e possibilita a compreensão de “significados”. Após a análise, os resultados foram discutidos com base no referencial teórico psicanalítico.

### **Resultados e discussão**

Confrontando os dados analisados com o aparato teórico psicanalítico que sustenta esta pesquisa, foi possível propor algumas interpretações acerca do conteúdo trazido pelas mães a respeito da função materna. Os resultados serão apresentados em três categorias: A vivência da maternidade na atualidade; Dos modelos identificatórios ao desafio de aprender a ser mãe e, A função materna e seu exercício na adolescência.

#### *A vivência da maternidade na atualidade*

No relato das mães foram observadas algumas características a respeito de como essa maternidade se configura na atualidade, como, por exemplo, a relação dessas mães com o trabalho, o ser mãe em detrimento da realização pessoal.

Até meados dos anos 50, segundo Moraes (2001), a mulher era responsável pela função de cuidar do lar e também de cuidar e educar os filhos. Isso acontecia devido à divisão social do trabalho. O antigo modelo familiar, baseado na complementaridade de papéis, colocava o pai como provedor exclusivo e a mãe dedicando-se aos trabalhos domésticos e às crianças.

O mundo transformou-se e na atualidade, o que observamos é um grande número de mulheres que trabalham fora do lar, e a dificuldade de conciliar tarefas domésticas e cuidados maternos com a vida profissional. Kehl (2001) afirma cada vez mais as mulheres abdicam ou são levadas a abdicarem do lar, do contato mais frequente com os filhos e até da maternidade devido às exigências relativas à necessidade de trabalhar e às aspirações e desejos pela realização pessoal através do trabalho. Ao se analisarem os relatos das mães participantes desse estudo, observa-se essa característica em relação ao trabalho:

*[...] trabalhei até ter minha filha caçula (terceira filha). É muito cansativo. Você abandona sua casa, você não tem tempo, chega do serviço cansada e vai lavar roupa, cuidar da casa, dos filhos. Achei melhor ter saído do serviço. Cuidar mais da minha família (M1).*

*[...] ser mãe e ter que trabalhar é muito difícil, eu chego, tem que dar banho, fazer janta, arrumar roupa pro outro dia, é muito cansativo (M2).*

*[...] sempre trabalhei, mas não é fácil para mim, gostaria de estar o tempo todo com eles. Se eu não vou trabalhar, quem vai sustentar? Quem vai cuidar? É bem complicado essa parte pra mim. Tenho que deixar eles muito sozinhos (M3).*

Podemos notar nesses exemplos que essas mulheres assumem inúmeros papéis ao mesmo tempo como o cuidado da casa, o cuidado dos filhos e o trabalho fora, acarretando numa sobrecarga de funções, a qual traz um stress grande e também sentimentos de culpa por não realizarem essa função materna conforme suas próprias idealizações. Tanto para M1 quanto para M2, percebe-se que a relação do trabalho com o ser mãe gera certo desconforto, pois muitas vezes o desgaste gerado pelo trabalho faz com que não consigam se dedicar aos cuidados da casa e dos filhos como gostariam.

No caso de M3, outra característica vem acrescentar mais dificuldade a essa relação, já que os filhos ficam inteiramente sob seu cuidado, não tendo com quem dividir essa tarefa. Observamos claramente no seu discurso que ela gostaria de ter mais tempo disponível para ficar com os filhos. Essa questão de ter que trabalhar e deixá-los sozinhos é de grande impacto para ela, pois sentimentos de culpa surgem por ter que fazer isso. No entanto, é interessante notarmos que, apesar desse obstáculo, ela consegue exercer sua função com os filhos.

Outro aspecto abordado pelas mães na entrevista refere-se à realização pessoal que muitas vezes é renunciada com o nascimento dos filhos em função das idealizações feitas sobre esses filhos que, na maioria dos casos, serão o que os pais não conseguiram ser, conforme podemos observar nos excertos abaixo: *“[...] foi difícil abrir mão das coisas, porque eu queria estudar, ter faculdade, mas depois que vem filho, é difícil. A gente luta para trabalhar e dar o melhor para eles, o que a gente não foi, quer que eles sejam” (M2).*

Vemos que M2 traz uma questão bastante comum aos pais que é o desejo de que os filhos tenham as oportunidades que os pais não tiveram ou abriram mão, e não somente o desejo, mas o investimento para que isso se realize. De acordo com Freud (1914/2010), a atitude afetuosa dos pais para com os filhos é a revivescência e a reprodução do seu próprio narcisismo. Narcisismo do qual tinham desistido por causa dos vínculos e das limitações com

que se depararam na vida adulta. Em favor da criança, o adulto sente-se inclinado a suspender “o funcionamento de todas as aquisições culturais que seu próprio narcisismo foi forçado a respeitar, e a renovar em nome dela as reivindicações aos privilégios de há muito por eles próprios abandonados” (p. 97).

Uma das questões que possibilitam esse renascimento narcísico relaciona-se com o lugar de imortalidade que o ego dos pais adquire através da criança (Ferrari & Piccinini, 2010). A morte presentifica-se para que os pais passem do lugar de filho para o lugar parental. Conseqüentemente, ao oferecer esse lugar de imortalidade, transferem-se as idealizações de que o filho possa ser, fazer e ter tudo aquilo que os pais não fizeram/tiveram.

No discurso de M3, também vemos um desejo por estudar e até a culpabilização de sua mãe por não “permitir” a realização dessa situação. Observa-se, assim, que ela revive esse narcisismo com o nascimento dos filhos ao reivindicar que eles tenham o que ela não conseguiu. É interessante notarmos que, apesar de suas tentativas, temos uma repetição, pois sua filha mais velha engravida numa idade próxima a que ela mesma engravidou, o que nos faz pensar no contrato narcísico e na transmissão dos fantasmas dos pais.

Portanto, a maternidade na atualidade assume características peculiares. Com a entrada e a participação cada vez maior da mulher no mercado, essa função muitas vezes é dividida com outras pessoas, e a realização pessoal algumas vezes é deixada num segundo plano por causa dos filhos, no entanto se isso não estiver bem resolvido dentro da mulher, não significa que ela conseguirá proporcionar tudo o que deseja. Conseqüentemente, isso tem repercussão na relação com o filho em decorrência da dúvida que pode surgir se a escolha feita foi a melhor, dando espaço para o aparecimento da culpa. Por causa dessa culpa, a mãe pode ter dificuldade em exercer essa função com o filho. A reparação vai ocorrer desde que o sentimento de culpa não seja forte demais.

#### *Dos modelos identificatórios ao desafio de aprender a ser mãe*

De acordo com Szejer e Stewart (1997, p. 63), “a forma como cada um se projeta como pai ou mãe relaciona-se diretamente com os pais que eles próprios tiveram, ou ainda com outros modelos parentais”. Assim, o exercício da função materna é diretamente

influenciado pelos modelos identificatórios que a mãe teve. Podemos observar essa questão nos trechos abaixo:

*[...] Por causa da escola, fui morar com a minha avó com 6 anos. Então foi minha avó que me criou mais do que minha mãe. Eu fui morar com minha mãe eu tinha 12 anos. Mas meu relacionamento com eles (pais) é bom, mas eu tenho assim mais afeição aos meus avós. (M1)*

Ao analisarmos o relato de M1, verificamos que a dinâmica familiar vivida por ela com seus pais se repete com os seus filhos, pois assim como ela foi criada pela avó, seu filho mais velho também foi criado pela avó, no caso sua mãe, retornando a morar com ela numa idade semelhante a que ela mesma voltou a morar com seus pais. Durante seu relato várias vezes ao falar sobre a avó, M1 chama-a de mãe e depois corrige chamando de avó. Por isso, pensamos que não poder cuidar desse primeiro filho esteja relacionado com não se sentir capaz e autorizada a cuidar dele devido a um conflito não elaborado com sua própria mãe.

Na entrevista de M2, é possível notarmos que ao relatar sobre sua relação com o pai, ela fala em um contato afetivo restrito com o pai, bem como com a mãe havia uma limitação nessa proximidade. Ao olharmos para o relato da sua relação com seu filho, observamos essa mesma dinâmica atuando ali.

Notamos que há outra relação presente no relacionamento com o filho: quando ela fala sobre ser mais rígida com ele, identificamos uma associação com a diminuição do contato afetivo, assim de certa forma “punir” esse filho pelos erros cometidos não tem a ver com a ideia de ser firme com ele, mas sim de diminuir o afeto demonstrado.

Uma vez que o exercício da função materna sofre uma grande influência da história de vida de cada mulher, isso nos leva a pensar que ela é vivenciada de forma diferente por cada pessoa. Por isso, propomos aqui uma rápida explanação de outros fatores que podem estar relacionados ao processo de construção da maternidade, como por exemplo, o resgate histórico acerca do sentido da maternidade e uma análise dos ideais muitas vezes disseminados pela sociedade.

*[...] fui criada naquele sistema antigo, que a mulher foi feita para casar, ter filhos e cuidar da família. No meu ver isso não existe mais, porque a mulher hoje em dia pode estudar, pode ter profissão, não ser criada só para casar e ter filhos (M1).*

A visão tradicional nos coloca um ideal de maternidade pautado numa mulher feita para casar e inteiramente disponível aos cuidados dos filhos. Porém o que vemos na atualidade em muito se difere desse ideal, pois hoje as mulheres assumem inúmeros papéis, o que pode gerar o surgimento de inúmeras culpas que irão refletir na relação delas com os filhos.

De acordo com Arrias (2005), para entendermos a maternidade devemos apreendê-la como um fenômeno cultural e não natural e biológico. Esta autora nos alerta que maternidade não deve ser entendida como sinônimo de capacidade reprodutiva. Desde pequena, a menina é preparada para o papel de mãe aprendendo como deve ser uma mãe e sendo preparada para os cuidados maternos, ganha bonecas e não lhe é permitido brincar com os brinquedos considerados de menino (Del Priore, 2000). Aos poucos se constrói um modelo de mãe perfeita, no qual a maternidade está alicerçada sob um rígido padrão, onde não é permitido discutir a respeito dos sentimentos ambivalentes presentes nas mães. Nestes trechos das entrevistas, podemos exemplificar o que estamos discutindo acima:

*[...] a questão de ser mãe, eu acho, que a mulher já nasce com o instinto de ser mãe. A partir do momento que você tem uma filha, ela já vê como ela é criada, como a mãe cuida dela, então ela já vai tendo uma experiência de ser mãe (M1).*

*[...] nunca tive vontade ser mãe, nunca quis, mas depois você vira mãe, acho que é uma coisa que é natural já da gente (M3).*

Nesses relatos, percebemos que essas mães colocam a maternidade como algo inerente e natural da mulher. Ao assumir a maternidade como natural do feminino, notamos no discurso dessas mães que elas se sentem culpadas por muitas vezes não saberem se sua maneira de agir com os filhos é a correta ou não, como se, por ser uma coisa inerente da mulher, elas deveriam ter todas as respostas e saberem a melhor forma de se posicionarem em todas as situações com os filhos. No entanto não existe perfeição materna.



Como diz Arrias (2005, p. 40), o “tornar-se mãe é um fenômeno que se constitui social e culturalmente”, ou seja, ele é produto de um determinado tempo e espaço. Portanto, não existe uma única forma de vivenciar a função materna, pois cada mulher estabelece uma forma de ser mãe de acordo com a sua realidade. É uma função em construção! Com isso, podemos pensar que a mãe também vai se transformando com essas vivências ao longo da vida, sendo que ela não é mais a mesma pessoa de quando era adolescente nem de quando o filho nasceu. Ao analisarmos os relatos das mães, podemos observar as mudanças ocorridas no processo de tornar-se mãe:

*[...] Acho que vai amadurecendo né. Na tua cabeça, tipo, vai mudando, daí aquela experiência mesmo de ser mãe vai mudando, você muda as suas atitudes, você muda teu jeito. Porque eu era uma menina assim que não ligava muito pra família. [...] Ai fui mudando aos poucos com o nascimento dos meus filhos. (M1)*

Assim, no caso de M1, vemos que ela mesma relata que na adolescência não ligava muito para família e ao tornar-se mãe isso começa a mudar, no entanto é uma mudança progressiva, pois no caso do primeiro filho ela acaba deixando-o aos cuidados da sua mãe, já com a segunda filha ela se volta para o cuidado do bebê, mas relata não ter muito paciência, sendo que é com o nascimento da terceira filha que ela consegue obter uma maior realização com a maternagem, sentir-se mais segura e confiante nesta função.

No caso de M2, observamos que com o nascimento do filho ela precisa deixar sua timidez de lado e se impor mais para defender seu filho a fim de que ele possa receber os cuidados necessários. Isso permite que ela se coloque como provedora tanto dos cuidados físicos quanto psicológicos da criança já que ela consegue ampará-la na sua angústia.

Desta forma, nesse aprendizado algumas mudanças ocorrem para que essa mãe consiga exercer uma maternagem suficientemente boa, o que se refere ao que Bion (1966) nos fala sobre o “aprender com a experiência”. E quando falamos nisso, precisamos pensar numa relação que envolve os ganhos e perdas. Talvez o termo “perdas” não seja o mais adequado, mas o processo de tornar-se mãe, de acordo com Borges (2005, p. 132) “é vivido com muitas angústias, transformações e conflitos devido à enorme quantidade de exigências do mundo atual e do mundo interno” da mulher com sua subjetividade. Quanto aos ganhos, podemos

relacioná-los com sensação de completude e crescimento pessoal que algumas mães relatam, sendo que muitas vezes esse filho pode ter a missão de trazer grandes mudanças na vida dessa mulher como observamos no trecho abaixo:

*[...] A vida da gente muda assim totalmente, é, acho que mudou pra melhor, até falo que acho que eles nasceram para consertar minha vida, acho que foi pra, talvez se não tivesse eles, tinha feito coisas assim, acho que é uma coisa, uma experiência assim que hoje eu entendo ... eu nunca quis, mas hoje eu entendo as pessoas que querem muito ser mãe, porque é uma coisa assim, não tem explicação, acho que é a melhor coisa do mundo. (M3)*

No discurso de M3, observa-se que, apesar de inicialmente não desejar ter filhos, eles vem para completar e trazer um novo sentido a sua vida tanto que ela não consegue imaginar sua vida sem eles. Mesmo com todas as dificuldades encontradas, ela consegue exercer essa maternidade e vai se transformando ao longo do caminho. Desta forma, nota-se nela a presença dessa capacidade de transformação e aprendizagem através das experiências oferecidas pela maternidade.

Logo, conforme alguns autores como Szejer e Stewart (1997) colocam, desde quando há o desejo pelo filho, a mulher tem pela frente o desafio de aprender a ser mãe, já que ela não nasce mãe, ela torna-se mãe. Esse tornar-se mãe, para Borges (2005), é um processo de amadurecimento profundo do ser humano que tem início na infância nas trocas com os pais e depois nas trocas com o cônjuge e o filho. Esse aprendizado demanda dela muita energia por ser uma tarefa exaustiva e complexa do ponto de vista psicológico, carregada de conflitos e angústias, que convivem lado a lado com as alegrias e gratificações pela maternidade. Entretanto a maternidade é uma experiência muito significativa e dotada de alto valor afetivo, o que traz a possibilidade de um enriquecimento pessoal através das experiências.

#### *Função materna e seu exercício com filhos adolescentes*

Para falar sobre função materna, recorreremos ao conceito de mãe suficientemente boa da Winnicott (2000), no qual a mãe exerce uma maternagem adequada devido ao fato de que ela não gratifica nem frustra em excesso permitindo com que haja um crescimento sadio do self da criança. Para que essa maternagem ocorra, a mãe necessita ter uma série de atributos e

funções, sendo que uma dessas funções é o “holding”, o qual está relacionado à forma como a mãe segura afetivamente a criança dando-lhe amparo, segurança, noção de existência e integração.

Com um conceito semelhante, Bion (1966) introduziu a noção que ele denomina de “rêverie”, a qual significa a capacidade, por parte da mãe real, de continência. Essa função permite que a mãe seja capaz de permanecer em uma atitude de receber, acolher, decodificar, significar, nomear as angústias do filho e as cargas emocionais advindas das realizações. Tais cargas emocionais e as angústias são projetadas na mente da mãe, criando um espaço para simbolizar, as quais serão posteriormente reinternalizadas pelo bebê somente depois de terem sido desintoxicadas. Tanto o holding quanto a continência são aspectos fundamentais para o exercício da função materna, no entanto nem sempre eles são fáceis para as mães. Por isso, entendemos que seja importante fazer uma análise de como ficam essas questões para as mães participantes desse estudo.

Ao analisarmos o relato de M1, podemos identificar que num primeiro momento foi muito difícil exercer essa continência com o filho, sendo que os cuidados do mesmo foram deixados para sua mãe. Como dito anteriormente, podemos pensar em um conflito não elaborado com sua mãe, porque sua mãe também não pode criá-la sendo que sua avó cuidou dela durante sua infância. Com a segunda filha, ela consegue cuidar, mas relata que não tinha paciência com a filha e não entendia como uma criança precisava mamar de 10 em 10 minutos. Podemos pensar que houve essa limitação por não se sentir autorizada a dar conta de todos os cuidados da filha por causa da culpa em relação ao primeiro filho.

É finalmente com o nascimento da terceira filha, que M1 consegue exercer essa função de maneira mais abrangente, ser mais continente. Para De Felice (2006), a experiência materna, através da relação com o filho, traz a possibilidade de alguma redefinição da antiga situação conflitiva com os próprios cuidadores. Considerando sua história de vida, antes que ela conseguisse fazer isso, era necessário percorrer um caminho para lidar com as faltas e elaborar os conteúdos.

Já no relato de M2, notamos que ela consegue exercer esse holding de alguma forma tanto com o filho quanto com a filha, entretanto essa continência vai ficando mais difícil de

ser feita com o filho conforme ele cresce, pois ela relata que o contato afetivo se torna mais restrito com ele em função das atitudes dele. Na entrevista, ela fala que quase teve depressão, porém podemos pensar que na verdade isso não se assemelha a um quadro depressivo propriamente dito, mas sim ao estado mental que se assemelha ao adoecimento que Winnicott (2000) denominou de “preocupação materna primária”, o qual permite que a mãe possa exercer a função materna.

É interessante observarmos que, no seu discurso, M2 relata um desejo grande por ter uma menina na segunda gestação. Realmente, na segunda gravidez, confirma-se que é uma menina e ela ainda desenvolve um quadro de diabetes gestacional. Podemos pensar que essa filha não pode ser tão esperada, ela precisa causar um dano à mãe assim como o filho também faz ao não se portar da maneira como ela espera.

No caso de M3, percebemos que ela consegue exercer uma maternagem adequada com sua primeira filha, pois ela consegue proporcionar os cuidados físicos e também um ambiente acolhedor para essa filha, no entanto essa maternagem se torna mais difícil com os gêmeos apesar dela ter consciência de sua função. Isso aconteceu, pois tanto questões ambientais quanto questões internas dificultaram esse processo, já que desde a gestação havia a presença de muitos sentimentos ambivalentes em relação a esses filhos, sendo que ao descobrir a gravidez, num primeiro momento, ela pensou até na possibilidade do aborto.

Segundo De Felice (2006), ao assumir o papel da maternidade, a mulher defronta-se com inúmeros sentimentos e precisa lidar com os mesmos no decorrer da maternidade. Vemos como fica difícil para M3 lidar com sentimentos extremos e conseguir integrá-los. Na entrevista M3 relata que apresentou, durante os três primeiros anos dos gêmeos, um quadro depressivo e também relatou um episódio em que ela diz quase ter feito uma besteira com um dos meninos, o que exemplificam as condições emocionais difíceis e dolorosas enfrentada por ela. Porém, após esse episódio, ela busca ajuda médica, pois compreende que havia chegado ao limite. Com isso, ela consegue se restabelecer e desempenhar seu papel de mãe que até o momento estava difícil.

Notamos também que M3 apresenta uma grande preocupação em acertar na educação com os filhos, sendo que em vários momentos da entrevista M3 relata a maneira que

age com os filhos e faz o seguinte comentário “não sei se tá certo, se tá errado...”. Podemos pensar que com M3 isso aparece de forma mais exacerbada como uma tentativa de reparação da situação vivenciada com os gêmeos no início da vida deles.

Essa capacidade de conter os sentimentos dos filhos é uma tarefa complexa para as mães, pois elas precisam ter uma disponibilidade interna para isso. Quando isso não acontece, não significa que elas sejam más, mas sim que algum fator dificultou essa atitude. Essa capacidade de amar e compreender os filhos é posta à prova quando os filhos atingem a adolescência.

As mudanças psicológicas que se produzem na adolescência levam a uma nova relação com os pais e com o mundo. Com o desenvolvimento do filho, de acordo com Borges (2005, p. 130), “a função materna vai se modificando e sofrendo alterações a cada desenvolver-se da criança e que requerem dos pais irem acompanhando os desenvolvimento e aquisições da criança, em um movimento de crescentes modificações e alterações”. No relato das mães entrevistadas, elas apontam para a dificuldade delas em lidar com os filhos adolescentes uma vez que eles, através de suas atitudes, desafiam sua autoridade enquanto mãe.

No seu discurso, percebemos que em muitas situações M1 se defronta com os dois filhos adolescentes e como ela se sente sem autoridade diante dos filhos. Ela relata que acaba assumindo uma atitude que “fingir” que não sabe que eles estão desafiando. Segundo Outeiral (2008), o bebê humano nasce em um “estado de desamparo” tanto físico quanto psíquico, e a dependência dos pais é de suma importância para o desenvolvimento dele apesar de variar conforme a cultura na qual está inserida. Ao longo da vida, buscamos a independência, constituindo-se numa das tarefas centrais na adolescência, sendo que ela significa “a transformação de vínculos infantis de relacionamento por um outro tipo de vínculo mais maduro, mais independente e de maior tolerância (menor idealização) com os pais” (Idem, p. 14-15).

Para isso, o adolescente necessita “desvalorizar” esses pais com o objetivo de sentir que pode se afastar “sem perder muito”. Concomitantemente, os pais podem sofrer em função dessa conduta do filho, além do mais, eles terão que lidar com o seu próprio narcisismo por

causa dos erros cometidos com o filho. Por isso, os pais devem dar uma “moratória”, ou seja, ter uma atitude de aceitação compreensiva com a postura do adolescente até que ele consiga ter uma visão mais real e menos idealizada ou denegrida dos pais. Podemos pensar que M1 assume essa conduta de moratória ao deixar que eles tomem suas próprias decisões, apesar de manifestar a sua opinião.

Já para M2, percebemos que esse desafio à autoridade tem sido uma questão de grande dificuldade para ela lidar com seu filho adolescente. Ela ainda relata que precisou ficar mais rígida com ele devido à reprovação na escola e também pelo fato dele pegar dinheiro escondido dela e do marido. Notamos, em M2, uma determinada confusão entre ter uma postura mais rígida com o filho e a diminuição do contato afetivo, pois ela relata que, após essas situações, tornou-se mais brava com ele e demonstra carinho quando tem que dar.

No caso de M3, vemos um discurso diferente do esperado de pais com filhos adolescentes. Ela relata que não teve muita dificuldade em lidar com a filha nesse período, sendo que suas atitudes, como se isolar, não querer conversar com os outros, foram sempre dentro do esperado. De acordo com Aberastury e Knobel (1981), para o adolescente, a entrada no mundo dos adultos significa a perda definitiva de sua condição de criança. As mudanças psicológicas que se produzem nesta etapa do desenvolvimento levam a uma nova relação com os pais e com o mundo. É um período confuso, doloroso, ambivalente, contraditório, caracterizado por fricções com o meio familiar e social, sendo confundido com crises e estados patológicos.

Podemos pensar que M3 conseguiu lidar de forma mais tranquila com sua filha adolescente, pois, desde criança, mãe e filha tiveram que se unir devido aos problemas de M3 com o marido e depois com a separação. Mais uma vez, elas tiveram que se apoiar quando a filha engravidou ainda adolescente. Segundo De Felice (2006), em alguns casos a maternidade pode se converter para a mulher numa “experiência emocional corretiva”, a qual permite superar parcialmente antigos conflitos com a figura materna, pois a realidade permite desmistificar antigas ideias de destruição e possibilita a tentativa de reparação. Assim, podemos considerar que essa relação mais próxima com sua filha adolescente está relacionada

com uma superação parcial dos conflitos com sua figura materna, a qual M3 gostaria que a tivesse defendido mais.

Portanto, o exercício da função materna exige, por parte da mulher, atitudes como holding e continência, os quais nem sempre são fáceis para ela exercer, pois depende de uma disposição interna que a mulher tenha para isso. Essa questão se torna mais complicada quando os filhos entram na adolescência, uma vez que suas atitudes desafiam a autoridade dessas mães e exigem delas uma atitude de compreensão. Como dito por Outeiral (2008), os pais precisam aceitar essa fase de oposição na adolescência e tolerar os momentos, às vezes muito frequentes, em que são promovidos “aos piores pais do mundo”, o que não se constitui numa tarefa fácil, mas necessária para que o adolescente possa construir novos vínculos com a família e a sociedade dentro de um modelo adulto.

### **Conclusão**

Este trabalho sobre a vivência da função materna permitiu verificar a influência de vários fatores no exercício dessa função. Na atualidade, a maternidade assume características peculiares, como a participação das mulheres no mercado, sendo que essa função muitas vezes é dividida com outras pessoas, e a realização pessoal algumas vezes deixada num segundo plano por causa dos filhos. Além disso, a maternidade também depende de fatores sociais, culturais e pessoais de cada mulher, logo, o tornar-se mãe é uma função em construção que envolve um aprendizado.

Esse aprendizado se caracteriza por ser uma tarefa exaustiva e complexa, a qual vem carregada de conflitos e angústias, alegrias e gratificações. Desta forma, através das experiências, o exercício da função materna possibilita o crescimento pessoal. Por ser essa tarefa complexa, ela exige da mulher algumas atitudes como holding e continência, as quais dependem de uma disposição interna, por parte da mãe, para que ela possa exercê-la. Quando os filhos entram na adolescência, isso se torna mais difícil, pois demanda mais das mães uma atitude de compreensão num período em que o adolescente vem desafiá-las.

Conseqüentemente, todas essas questões têm repercussão na relação com o filho e, dependendo da forma como cada mulher lida com esses conteúdos, pode dar espaço para o

surgimento da culpa e tentativas de reparação. Portanto, apesar de todas as circunstâncias estressoras, temos, no estudo, uma amostra de mulheres que conseguiram ser mãe para esses filhos. Filhos que puderam se desenvolver e mães que não abandonaram e conseguiram ficar com os filhos, e, por fim, procuraram o grupo de pais, o que demonstra uma disponibilidade em buscar conhecer mais sobre o exercício dessa função.

### Referências

- Aberastury, A.; & Knobel, M. (1981). *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artmed.
- Arrais, A. R. (2005). *As configurações subjetivas da depressão pós-parto: para além da padronização patologizante*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil. Disponível: <http://bdtd.bce.unb.br/>.
- Bardin, L. (1975). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Martins Fontes.
- Beauvoir, S. (1980). *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bion, W. R. (1966). *O aprender com a experiência*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Borges, M. L. S. F. (2005). *Função materna e função paterna: suas vivências na atualidade*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Brasil. Disponível em: [http://www.bdtd.ufu.br/tde\\_busca/index.php](http://www.bdtd.ufu.br/tde_busca/index.php).
- De Felice, E. M. (2006, janeiro/junho). Trajetórias da maternidade e seus efeitos sobre o desenvolvimento infantil. *Mudanças - Psicologia da Saúde*, 14(1), 7-17.
- Del Priore, M. (2000). *História das mulheres no Brasil*. (3 ed). São Paulo: Ed. Contexto.
- Ferrari, A. G.; & Piccinini, C. A. (2010, julho/dezembro). Função materna e mito familiar: evidências a partir de um estudo de caso. *Ágora*, 13(2), 243-257.
- Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo. In: S. Freud, *Obras completas*. (Vol. 12, pp. 13-50). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1914)
- Kehl, M. R. (2001). Lugares do feminino e do masculino na família. In M. C. M. Comparato; D. S. F. Monteiro (orgs.), *A criança na contemporaneidade e a psicanálise*. (Vol. I, pp. 29-38). São Paulo: Casa do Psicólogo.



Moraes, M. L. Q. (2001). A estrutura contemporânea da família. In M. C. M. Comparato; D. S. F. Monteiro (orgs.), *A criança na contemporaneidade e a psicanálise*. (Vol. I, pp. 17-24). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Outeiral, J. (2008). *Adolescer: estudos revisados sobre adolescência*. (3 ed). Rio de Janeiro: Revinter.

Szejer, M.; & Stewart, R. (1997). *Nove meses na vida da mulher: uma abordagem psicanalítica da gravidez e do nascimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Winnicott, D. W. (2000). *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago.